

**A LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR COMO INSTRUMENTO DE  
SUBJETIVAÇÃO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA****THE LITERATURE OF CLARICE LISPECTOR AS AN INSTRUMENT OF  
SUBJECTIVATION IN PORTUGUESE LANGUAGE LESSONS****LA OBRA DE CLARICE LISPECTOR COMO MEDIO DE  
SUBJETIVIZACION EN CLASES DE LENGUA PORTUGUESA**

Leandro Aparecido FONSECA<sup>1</sup>  
Juracy Machado PACÍFICO<sup>2</sup>  
Elaine Rodrigues NICHIO<sup>3</sup>  
Ana Maria de Lima SOUZA<sup>4</sup>

**RESUMO:** O artigo destaca a subjetivação presente nos textos de Clarice Lispector como instrumento que possibilita o leitor/leitora-aluno/aluna adentrar-se nas camadas mais profundas do texto e com isso alcançar o caráter humanizador proveniente da arte literária. A partir dos estudos das obras “A paixão segundo G.H” e “Água Viva” foram produzidas análises que buscaram, por meio da construção das personagens, apresentar reflexões que possibilitem o trabalho em sala de aula considerando o aluno/aluna-sujeito em sua dimensão existencial, espiritual e intimista. O texto evidencia que a literatura de Lispector é para o professor e professora de língua portuguesa uma ferramenta de transformação do aluno e aluna, pois possibilita a formação humana, por meio de uma abordagem que une os conhecimentos de arte, filosofia, sociologia e psicologia.

**Palavras-chave:** Literatura. Clarice Lispector. Subjetividade.

**ABSTRACT:** The article highlights the subjectivation present in Clarice Lispector texts as an instrument that enables the reader / reader-student / student to enter into the text deepest layers and thereby achieve the humanizing character derived from literary art. From the studies of the works "Passion according to G.H." and "Living Water" were produced reviews that aimed, through the construction of the characters, to present reflections that make possible the work in the classroom considering the student / student-subject in their own existential, spiritual and intimate dimensions. The text shows that Lispector 's literature is for the male or female Portuguese teacher a transformation tool for the he or she student, since it enables human edification through an approach that joins knowledge of art, philosophy, sociology and psychology.

**Keywords:** Literature. Clarice Lispector. Subjectivity.

<sup>1</sup> Professor do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal - FACIMED. Mestre em Psicologia (UNIR). Analista processual na especialidade de psicologia - Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia. E-mail: leandro\_afonseca@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia. Doutora em Educação Escolar (UNESP). E-mail: juracypacifico@unir.br

<sup>3</sup> Professora de Literatura do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Mestranda em Educação Escolar (UNIR). E-mail: elaine.rodrigues11@hotmail.com.

<sup>4</sup> Professora da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP). E-mail: ana26souza@gmail.com.

**RESUMEN:** El artículo destaca la subjetividad presente en los textos de Clarice Lispector como instrumento que posibilita al lector adentrarse en las capas más profundas del texto y con ello alcanzar el carácter humanizador proveniente del arte literario. A partir de los estudios de las obras "la pasión según G.H" y "Aguas Vivas", fueron hechos análisis que buscaron por medio de la construcción de los personajes, presentar reflexiones que posibiliten el trabajo en el aula, considerando al alumno/ alumna sujeto en su dimensión existencial, espiritual e íntimo. El texto muestra que la obra de Lispector es para el profesor y profesora de lengua portuguesa una herramienta de transformación del alumno y alumna, pues posibilita la formación humana a través de un enfoque que une los conocimientos de arte, sociología y psicología.

**Palavras chave:** Literatura. Clarice Lispector. Subjetividad.

### Introdução

O que o professor ensina? O que deve ensinar em sala de aula? O que deve dominar e o que deve saber o professor para que possa em seu cotidiano garantir a si e a sociedade o entendimento mínimo de que está preparado para ensinar? Pois bem, a academia em seus esforços permanentes de construir bons docentes tem se preocupado com estes questionamentos, aprofundando cada vez mais conceitos, métodos e práticas pedagógicas, todavia não pode furtar a si mesma a responsabilidade de pensar o sujeito em sua dimensão mais existencial, espiritual e intimista. Despreocupar-se com a natureza humana é omissão de quem perde a oportunidade de transformar a educação em algo maior que um status institucional, alcançando profundidade suficiente para operar eficazmente na evolução e aperfeiçoamento do ser humano.

Neste trabalho abordamos a arte literária, especificamente nas obras de Clarice Lispector, a possibilidade de o professor de língua portuguesa transgredir o universo da linguagem e da escrita, para alcançar junto aos seus alunos espaços íntimos do ser que os possibilitem florescer na tarefa incessante de conhecimento de si, e nisso contemplar uma das faces mais bonitas da espécie humana, a singularidade.

Fazemos isso num tempo em que a educação brasileira recebe, de sobressalto, propostas para a desvinculação da arte no ensino médio, apequenando a dimensão transformadora, e, portanto, fundamental, na formação humana. A arte literária favorece o enfrentamento da superficialidade humana, rompe com o anestesiamiento dos sentidos que os tempos modernos vêm provocando com sua forma líquida, rasa e passageira de viver as coisas do mundo. A literatura propicia a estudantes um lugar especial em si mesmo. Lugar que a biologia não pode chegar, que os elementos da gramática são

incapazes de acessar, lugar íntimo e valioso do ser humano que equação algébrica nenhuma pode tocar; a alma humana.

A beleza construída pela escritora Clarice Lispector torna-se para nós, especial material que nos auxilia a fazer caminhada por facetas de suas personagens, instigando em seus leitores sentimentos e sensações que afloram da posição singular em que cada um vive o mundo do qual faz parte. Quando o leitor se encontra no texto, ou faz associações a partir dele, buscando elementos com o mundo a sua volta pode ocorrer o que denominamos experiências significativas, pois ser sujeito da experiência é um processo e leva a transformação (LARROSA, 2002).

Clarice escreveu rompendo com seu tempo, lançou-se aos mistérios da humanidade, escreveu não com a preocupação de detalhar coisas, fatos, sentimentos ou situações, despreocupou-se em representar a realidade na linguagem, escreveu construindo abismos em suas entrelinhas possibilitando ao leitor o fascínio e o estranhamento, o conhecimento e o reconhecimento de si e de sua humanidade (JÚNIOR, 1999).

O estilo de escrita de Clarice Lispector adota como referência o sujeito que experimenta o mundo. Fala sobre coisas do dia a dia, sobre animais, sobre sentimentos, sobre interioridade (SOUZA; CRUZ, 2008). Desta forma, centra-se na subjetividade de suas personagens que revelam dramas de dimensão existencial, que são apenas possíveis de reconhecimento quando nos colocamos no lugar do outro, quando ocupamos o papel da personagem que nos revela o mundo a partir de sua percepção (TEIXEIRA; HELENA, 2005). Somos remetidos à posição ocupada pelo outro, que na obra de Clarice se fundem com o leitor, sendo leitor e personagem quase uma mesma coisa.

Conforme Dias (2013), as personagens construídas por Clarice são uma tentativa de descortinar a subjetividade. Busca-se com isso conhecer o “eu” que nos constitui, avançando pelo labirinto humano formado por sensações, sentimentos, percepções e desejos.

Este contato com a condição e natureza humana causa nos personagens, e conseqüentemente no leitor, um estranhamento típico da obra de Clarice Lispector. Para Adam (2005), o estranhamento se deve por que é com o cotidiano que se descortina a existência. Suas personagens vivem o drama de estarem num mundo em que as coisas lhe acontecem à revelia, o que nos aproxima ainda mais dos enredos de suas crônicas ou romances, já que neste mundo pouco ou quase nada nos é possível dominar. Sendo

assim, é a experiência do caótico que descompassa o ser e torna-se motivo de estranhamento. Sua escrita assusta, mas também desperta, e faz isso com atravessamentos antagônicos de quem em naturalidade apaixonante revela, sem, contudo, perder o tom régio de seus movimentos epifânicos.

### **O descortinar da vida em Clarice Lispector**

Para Adam, nas obras clariceanas encontramos “o mistério, o enigma, o descortinar da existência, através da trilha da contemplação, combinada com a da ação, faz despontar um inédito horizonte” (2005, p.9). Assim, o professor ao fazer uso dos escritos de Clarice passa a ter em suas mãos a possibilidade de conduzir ao aluno a sua transfiguração<sup>5</sup> pessoal e de vida. O encontro do aluno com o universo mágico da literatura de Clarice Lispector, mediado pelo professor, pode propiciar-lhe o desnudamento de si e o aprofundamento do anseio por conhecer-se.

Os textos de Lispector são ricos de possibilidades de experimentação da vida a partir da subjetividade do leitor. Os movimentos epifânicos<sup>6</sup> de sua escrita no aluno, que muitas vezes se encontra imerso na banalidade de sua existência e carente de significados, possibilita-lhe a oportunidade de dar a sua própria rotina a “revelação” necessária para a intensificação e aprofundamento da natureza de seu de ser. Isto, a partir da experimentação do sujeito de sua própria vida e realidade, não necessitando de modelos ou formas nos quais precisa se “encaixar” para encontrar respostas que pouco satisfazem e apenas servem para momentos passageiros de vida.

Dentro dessa literatura há a possibilidade de o educador utilizar a construção de sentidos para questões interiores que balizam a vida humana, como, por exemplo, sentido de vida, amor, sofrimento e espiritualidade. É interessante notar que os textos de Clarice provocam inicialmente a compreensão pelo sentimento. Sentimo-nos compreendidos pelos dramas evocados por suas personagens. Isto se deve a especial

---

<sup>5</sup> Entenda-se aqui transfiguração aquela apresentada por Jorge Luiz Viesenteiner em que articula o conceito entre as filosofias de Deleuze e Nietzsche onde o acesso à vida pela via experimental nos possibilita adentrar no mais artístico e criativo do ser. Ver: Nietzsche e Deleuze: sobre a arte de transfigurar. Disponível em <<http://www.scielo.org.co/pdf/difil/v12n18/v12n18a10.pdf>> Acessado em 11 de novembro de 2015.

<sup>6</sup> Adam define a epifania literária como sendo “a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos súbita iluminação na consciência dos figurantes. Ao dar-se a epifania, a consciência do indivíduo se abre para outra realidade como sendo a “realidade atordoante” invocada por atos banais do dia-a-dia” (p. 26).

forma com que as personagens vivem seus dramas e também a peculiaridade com a escritora transforma em linguagem a intimidade psicológica destas personagens, fazendo emergir em nós sentimentos diversos que alquimicamente são transformados em linguagem.

Todos esses traços são próprios da arte literária. Candido (2011) define por literatura todas as criações com sentido poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade. A literatura possui a arte do encantamento, do poder mergulhar em universos desconhecidos a procura do próprio eu. É o homem se descobrindo por meio dessa arte.

Secundariamente a obra de Lispector nos remete a um universo de sofisticação diferente ao emocional. Somos instigados a questões de natureza filosófica e artística. Seus textos são riquíssimas composições de ordem existencialista e humanista, alçando professor e aluno a campos de discussão de cunho intelectual que podem facilmente abarcar questões como gênero, feminismo, existencialismo, sentido da vida e muito mais.

Um retrato destas possibilidades está no romance “A paixão segundo G. H.”, livro publicado em 1964, repletos de fluxos de consciência de uma mulher que depois de demitir sua empresa entrega-se a uma faxina no quarto de serviço. Neste ambiente defronta-se com uma barata que a princípio lhe causa espanto, mas depois dominação, esmaga o inseto e numa atitude impulsiva prova-lhe do interior. A partir deste instante é lançada para fora de si, transgredir sua condição humana e de mulher. Experimenta da animalidade que habita todos e deve, a partir deste episódio reconstruir-se, mas não mais para ser a mesma G. H, uma vez esta experiência lhe impedir de ser a mesma, agora será uma outra, uma nova mulher.

Neste romance somos tragados pela angustia de sermos humanos ao mesmo tempo que somos aterrorizados pela verdade que encontramos no íntimo de nós.

O livro é iniciado sem tempo histórico, o leitor é remetido de imediato no drama da personagem que diz: “[...] estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi” (LISPECTOR, 1986, p. 4).

Já a princípio nos defrontamos com a consciência atormentada da personagem, que construída na primeira pessoa, logo se confunde com o leitor num rompimento das fronteiras entre a arte e o apreciador. Logo, todos são um.

## O aspecto humanizador da literatura de Lispector

O processo de subjetivação presente na literatura, especificamente a de Clarice Lispector, permite uma análise interior do eu. Seria a busca por respostas que implica a construção do ser humano, como ele se compõe em sua forma mais íntima, seus anseios, medos, desejos, devaneios, enfim o questionamento da própria ordem humana.

O caráter polissêmico do texto literário conduz o leitor à busca de significados através da interação com os elementos textuais, pois rico em sentido permite infinitas construções. Diante dele a velha roupagem do homem é deixada de lado para que se vista novos trajes o que podemos chamar de processo de desconstrução e construção ou vice-versa. Assim a literatura

[...] confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 1995, p. 180).

Nas obras de Lispector as personagens se compõem na subjetividade. Esse enigma possibilita o entrelaçamento entre leitor e personagem, um encontro que os une de modo a se tornarem apenas um. O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras, pois ler envolve bem mais do que o movimento individual dos olhos. Ler implica troca de sentidos entre texto/leitor/escritor e sociedade, dessa forma os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (COSSON, 2006). Percebe-se, assim, a literatura como algo inerente ao próprio homem.

Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CANDIDO, 2011, p. 174).

Todo ser humano tem a necessidade de fabular, ou seja, em algum momento sair de seu mundo real para se encontrar-se na subjetivação. Fato que o faz refletir sobre seu universo interior, contudo os aspectos intrínsecos de alguma forma são associados aos

extrínsecos, uma vez que a transformação do ser reflete nas mudanças da sociedade. Por assim dizer, elementos internos e externos são somados no processo humanizador da literatura, destarte permite ao indivíduo um encontro profundo com suas emoções.

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização. (COSSON, 2006, p. 17).

Assim, a escola se constitui o ambiente denominado para tais práticas e a aula de língua portuguesa o espaço propício para que a leitura assuma seu verdadeiro papel de formar leitores capazes de interagir com o texto e com o mundo. O leitor interage com a obra na medida em que se percebe nela, como um participante ativo pode se imaginar em uma dada circunstância retratada. A leitura também é vista como processo de interativo. (KLEIMAN, 2002). Dessa maneira, sendo capaz de ler além das entrelinhas, explorando as riquezas da arte literária e, sobretudo na busca reflexiva sobre as questões intrigantes do próprio eu.

A escola é o ambiente favorável para que essa prática se efetive e o educador o grande facilitador no processo de formação de leitores, pois cabe a ele “criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta”. (MARTINS 1988, p. 34)

A criação subjetiva das personagens das obras de Lispector humanizam na medida que levam o leitor ao encontro da sua interioridade. Certas pessoas, situações, ambientes, coisas, bem como conversas casuais, relatos, imagens, temas, cenas, caracteres ficcionais ou não têm o poder de incitar, como num toque mágico, nossa fantasia, libertar emoções. Vêm ao encontro de desejos, amenizam ou ressaltam frustrações diante da realidade. Levam-nos a outros tempos e lugares imaginários ou não, mas que naquelas situações respondem a uma necessidade.(MARTINS, 1988).

Por conseguinte, o processo humanizador advindo da subjetividade das personagens das obras de Clarice permite ao leitor ir ao encontro do sentido da complexidade de sua existência, refletir sobre suas particularidades por meio da análise de seu interior, questionando a si mesmo para que consiga compreender o mundo a sua volta.

A experiência com a arte literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. (COSSON, 2006). O real e o imaginário se fundem e se completam ao mesmo tempo na busca de sentido da existência. “A primeira nota sobre o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto.” (LARROSA, 2002, p. 27). Por isso a importância de levar para a sala de aula textos que conduzam os alunos/leitores a camadas mais profundas de interpretação, que sejam significativos.

### **Mística e subjetividade em Clarice**

Um outro importante elemento na obra de Clarice Lispector é o espaço dedicado a espiritualidade. Não se trata de discurso, é experiência promovida pela linguagem. Suas palavras nos colocam em posição de singular vislumbre de Deus. Seus textos, em diferentes gêneros acabam por revelar na banalidade da vida a presença de uma força maior, capaz de desenvolver no leitor sentimentos de proximidade com os elementos de sua fé. É quase que sempre um convite para transcender.

Estou sentindo uma clareza tão grande que me anula como pessoa atual e comum: é uma lucidez vazia, como explicar? Assim como um cálculo matemático perfeito do qual, no entanto, não se precise. Estou por assim dizer vendo claramente o vazio. E nem entendo aquilo que entendo, pois estou infinitamente maior do que mesma, e não me alcanço. Além do quê: o que faço nessa lucidez? Sei também que esta lucidez pode tornar o inferno humano – já me aconteceu antes. Pois sei que – em termos de nossa diária e permanente acomodação resignada à realidade – essa clareza de realidade é um risco. Apagai, pois, minha flama, Deus, porque ela não serve para viver os dias. Ajudai-me a de novo consistir dos modos possíveis. Eu consisto, eu consisto, amém (LISPECTOR, 1964, p.63).

Não se pode nesse momento compreender o que se vive, a personagem deixa isso claro, busca-se então sentidos que possam resgatar o controle perdido em circunstâncias que desconhecemos o que vivemos e o que somos. A oração de G. H. é o apelo de alguém que defrontado com sua lucidez não se sente segura para viver os sentidos que advém dessas verdades. Recua a personagem, como se de fato isso fosse possível, a um modo de viver em que a verdade não fosse tão presente e que a consciência não fosse tão determinante.



Em G. H. encontramos a presença de uma consciência que aterroriza, porque sua existência independe da capacidade do indivíduo em lidar com a franqueza e o poder da reflexão sobre si e sobre o mundo do qual faz parte. Há, contudo, em Clarice a ideia de que a tomada de consciência é processo que nos transcende, nos evolui, nos torna maior, “pois estou infinitamente maior do que mesma, e não me alcanço” (LISPECTOR, 1964, p. 63).

G. H. tenta dar ao mundo aquilo que viveu, seu objetivo é legar a alguém o que foi e o que é. Talvez esta seria a forma de permanecer viva, todos fazemos nossa paixão tal qual Jesus, num caminho que se percorre para a cruz, em que pesa o desespero de partir e a ambição de permanecer vivo de alguma forma.

Nesta ficção de Clarice Lispector o leitor é capaz de fazer junto da personagem uma experiência mística, dada a função espiritual acentuada nos protagonistas de seus contos. Em A paixão segundo G. H., o professor encontrará elementos que se constroem na experiência mística daquilo que ultrapassou a corporeidade, a inteligência e a consciência, não podendo ser alvo de cognitivismos, mas apenas da experiência, do sentir.

Segura minha mão, por que sinto que estou indo [...] estou de novo indo para a mais primária vida divina, estou indo para um inferno de vida crua. Não me deixes ver porque estou perto de ver o núcleo da vida – e, através da barata que mesmo agora revejo, através dessa amostra de calmo horror vivo, tenho medo de que nesse núcleo eu não saiba mais o que é esperança (LISPECTOR, p. 60).

G. H., por meio da barata que lhe propiciou a náusea, alcança uma experiência divina profunda, chegando ao ponto de ser em Deus e Deus ser em si. Experiência aproximada a de São Paulo, “[...] já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl, 20, 2); todavia, enquanto o apóstolo acentua a sua nulidade, elemento necessário para que possa se preencher de Deus, G. H. nos remete a uma existência sincrônica à existência de Deus; “Quanto mais precisarmos, mais Deus existe. Quanto mais pudermos, mais Deus teremos. Ele deixa. (Ele não nasceu para nós, nem nós nascemos para Ele, nós e Ele somos ao mesmo tempo)” (LISPECTOR, p. 151).

G. H. continua a descortinar sua experiência com Deus, “Ele não impede que a gente se junte a Ele e, com Ele, fique ocupado em ser, numa intertroca tão fluida e constante – como a de viver” (LISPECTOR, p. 152). O desejo da personagem, bem como o desejo que perpassa todo ser humano é o de viver, e nisso se resume nossa paixão, quanto mais somos nós, mais Deus alcançamos, mais vida vivemos.

As personagens de Clarice Lispector são cheias de reflexões, e aqui o professor encontra elementos maiores para acompanhar seu aluno no processo de encontro com suas próprias reflexões e angústias de vida, desenvolvendo um sentimento e entendimento que fogem a ingenuidade das emoções, coisas e fatos. Em seu primeiro romance a autora nos provoca com a figura de Joana, que se interroga sobre o sentido da vida e o sentido da vida em geral (NUNES, 2009).

Fez-se muitas perguntas, mas nunca pôde responder: parava para sentir. Como nasceu um triângulo? Antes em ideia? Ou esta veio depois de executada a forma? Um triângulo nasceria fatalmente? As coisas eram ricas. – Desejaria deter seu tempo na pergunta. Mas o amor a invadia. Triângulo círculo, linhas, retas... harmônico e misterioso como um harpejo. Onde se guarda a música enquanto não soa? – indagava-se. E rendida respondia: que façam harpa de meus nervos quando eu morrer (LISPECTOR, p. 152).

Embora anseie por respostas na maioria das vezes o leitor encontrará apenas inquietações, todavia, este movimento dentro da obra de Lispector é importante por nos lançar em questionamentos que a vida rasa que vivemos hoje poucas vezes nos permite. Mesmo que saia da leitura sem retorno de uma resposta, o leitor deixará a obra com a angústia essencial de sua existência. Assim, passará a ter experiência com o texto. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. (LARROSA, 2002, p. 21). Pode-se dizer que o texto passa a ser significativo na medida que há um encontro do homem com seus próprios anseios, sendo uma mediação entre o conhecimento e a vida humana.

Na adolescência um dos principais confrontos certamente é o amor. Expressar seus sentimentos de forma adequada e alcançar a expressão tão nobre da natureza humana não é fácil, basta lembrar-nos de que para além da juventude os dilemas da paixão e amor acomete a todos e quase sempre de forma feroz. No romance “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”, encontramos Lóri que vivencia o conflito de aprender a amar e deixar-se se amada.

Na vida são muitas as pessoas que incorporaram o amor como imperativo. Amar se tornou praticamente uma obrigação. É preciso sempre amar, amar e amar, todavia nada ou pouco se sabe em reconhecer o amor e aprender a lidar com as distintas formas do outro cuidar de nós. Aquele que não reconhece o amor, não se sentirá amado, embora o outro nos ame com convicção e grande força íntima.

O adolescente vive com frequência os dilemas do amor, ainda lhe soando estranho o que amar, e com pouca propriedade tateia no escuro em busca de respostas. Assim como Lóri o jovem se dá conta que o aprendizado do amor se faz lentamente. A narrativa não tem começo e nem fim, jogando o leitor de imediato numa história que assim como a vida segue sem precedentes, onde somos arremessados sem que contássemos com preparo prévio para poder viver nossa própria vida.

Mas, apesar de não estarmos preparados, temos de viver. A vida, ela própria nos pede isso, e nisso encontramos algo para além do prazer e do sofrimento, encontramos o sentido.

[...] uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com a alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso (LISPECTOR, p. 13-14).

Ulisses demonstra a Lóri que apesar de nossas fraquezas precisamos continuar e o resultado disso é encontrar o sentido para si. Muitas são as adversidades que podem lhe atravessar a vida, mas para aqueles que encontram verdadeiras e honráveis razões, desistir não será uma alternativa cogitada.

Retornando a G.H, a escritora acentua a importância do outro na constituição de nossa subjetividade, interessante elemento que pode ser abordado pelo professor de literatura como ferramenta de compreensão dos processos interiores do adolescente que vive fase do desenvolvimento em que as questões de grupos sociais se inserem de forma pujante no desenvolvimento de sua identidade. “Ele precisava dela com fome para não esquecer que eram feitos da mesma carne” (LISPECTOR, 1964, p. 65), embora figurado o trecho demonstra a tendência de Clarice de emaranhar as subjetividades numa relação intersubjetiva constituída pela apropriação de um pelo outro em processo constante de existir.

Outro elemento a respeito da subjetividade abordada em Clarice Lispector está em *Água Viva*. “E se digo “eu” é porque não ousa dizer “tu”, ou “nós” ou “uma pessoa”. Sou obrigada à humildade de me personalizar me apequenando mas sou és-tu”

(Água viva, p. 13). O eu apresentado em Clarice é fragmentário, remete a influência das diversas pessoas na constituição do nosso eu. Isso não é desolador, é humano. Não é solidão é a sociedade em nós e nós na sociedade.

Clarice Lispector trabalha, portanto, a subjetividade com eloquência, partindo da experiência íntima realizada por suas personagens que são construídas em articulado dinamismo psíquico que remontam a interioridade humana com destreza e refinamento.

### **Algumas considerações**

Assim são as personagens de Clarice; reflexivas, profundas e capazes de uma experiência que nos leva aos limites da existencialidade e nos traz de volta inquietos, estranhados e maravilhados. Sua literatura é para o professor de língua portuguesa uma oportunidade única de construir aulas que transcendam ao universo literário e sejam capazes de dar sentido único e transformador ao aluno. Tem-se, por meio de Clarice Lispector, a oportunidade de se planejar aulas em que a experiência seja o elemento central, que a subjetividade seja a tônica e que as entranhas do “ser humano” sejam o conteúdo. O que se pode conseguir com isso? Pode-se conseguir o “sentir humano”, a experiência maravilhosa daquilo que somos e que nem mesmo sabemos definir, bem como alcançar com isso a experiência criativa e o estado da arte, e compreender ao fim o que seja de fato existir;

Existir é tão completamente fora de comum que se a consciência de existir demorasse mais de alguns segundos, nós enlouqueceríamos. A solução para esse absurdo que se chama ‘eu existo’, a solução é amar um outro ser que, este, nós compreendemos que exista (LISPECTOR, 1980, p. 85).

A literatura é palco de manifestações íntimas do ser humano. As palavras nos permitem alcançar os sentimentos e desenhar linguisticamente a complexidade que nos atravessa e constitui. Clarice Lispector compõe pela palavra, a subjetividade humana, e quando não é capaz de fazê-la, nos permite o silêncio reflexivo, onde não se explica, e não se compreende, se sente, constituindo a busca de sentidos. Contudo, os sentidos não são estáveis e dinamicamente traduzem nossas subjetividades. Aqui demonstramos brevemente, que uma aula de literatura pode se tornar palco interdisciplinar na interlocução entre a arte, a filosofia, sociologia e a psicologia. Mas, pode ser sobretudo, um espaço para avançar questões humanas que compõe a subjetividade dos alunos. Se

pensarmos que a escola é local que se “ensina para a vida” deve-nos ser consciente que a vida é acentuada por emoções e sentimentos que movem as pessoas em busca de explicações e sentido, e esta busca move o mundo, construindo nossa história e nós na história.

### Referências

- ADAM, M. R. C. O. **Clarice Lispector e Franz Kafka: trilhas e vislumbres**. Abril de 2005. 96 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- CANDIDO, Antonio. (1988) **O direito à literatura**. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- DIAS, H. F. O discurso em Clarice Lispector: universalidade e complexidade na construção da emoção. **Revista Letrando**, v. 3 jul./dez. 2013, Disponível em: <http://www.revistaletrando.com/revista/volume3/06.Hozana.pdf>. Acesso em 18 jul. 2016.
- JÚNIOR, B. Z. in LISPECTOR, C. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro. Rocco, 1999.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de educação**, jan-abril, número 019, Associação Nacional de pós-graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo. SP. p. 20-28, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- NUNES, B. **O dorso do tigre**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SOUZA, L. B.; CRUZ, L. R. **Subjetividade e leitura em Clarice Lispector**. Disponível em: [https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero40/sub\\_lisp.html](https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero40/sub_lisp.html). Acesso em: 18 de jul. 2016.

TEIXEIRA, F. S.; HELENA, L. A fragmentação do eu. **Cadernos de Letras da UFF – PIBIC – GLC**, n. 30 e 31, 2004-2005.

**Enviado em:** Junho de 2018.  
**Aceito em:** Dezembro de 2018.

**Como referenciar este artigo:**

FONSECA, Leandro Aparecido; PACÍFICO, Juracy Machado; NICHIO, Elaine Rodrigues; SOUZA, Ana Maria de Lima. A literatura de Clarice Lispector como instrumento de subjetivação em aulas de Língua Portuguesa. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 6, n. 13, p. 114-127, jan/mar, 2019. e-ISSN: 2359-2087. Disponível em:  
<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/index>.